



MANU DIAS

Religião africana no alvo da EXCLUSÃO

“A intolerância religiosa foi responsável por conflitos sangrentos na Bósnia e na Irlanda. A gente quer isso para o Brasil?”

ORDEP SERRA

GILSON JORGE

A associação entre os orixás e a figura do diabo talvez seja um dos aspectos mais evidentes da discriminação sofrida pelos negros no Brasil. A negação do direito à prática de rituais comuns na África, durante o período da escravidão, evoluiu, após a abolição, para a construção de uma imagem maligna dos cultos feitos dentro dos terreiros. Batizadas de macumba, as práticas religiosas dos afro-brasileiros viraram sinônimo de trabalhos espirituais para causar danos a alguém ou, simplesmente, caíram no âmbito da jocosidade.

“É preciso parar de demonizar os cultos afro-brasileiros”, protesta o padre Clóvis Cabral, que abraçou a Igreja Católica mesmo sendo filho de uma ialorixá, título dado à sacerdotisa que coordena o terreiro. De fato, mais do que qualquer outra religião, o candomblé virou alvo de intolerância religiosa no Brasil. Nos primórdios da história nacional era perseguido pela Santa Sé e, mais recentemente, por algumas igrejas evangélicas. O que poderia ser apenas a reação natural a uma fé contrária à praticada por um determinado grupo hegemônico ganha contornos de discriminação racial pelo simples fato de que outras crenças fora do cristianismo não são atacadas com a mesma veemência.

“Nunca se associa o diabo ao budismo, aos hare-krishna ou outros credos”, lembra o antropólogo Ordep Serra, que é o gan do Terreiro Casa Branca. “Aliás, esse conceito de diabo nem sequer existe nos cultos afro-brasileiros”, destaca.

ABERRAÇÃO - A marginalização do candomblé, que durante muitos anos foi sustentada pelo Estado brasileiro, acabou estigmatizando os rituais sagrados trazidos da África entre os próprios afro-descendentes. “Criou-se uma divisão em que as religiões judaico-cristãs representam o bem, e o candomblé está ligado ao mal”, avalia Serra.

O antropólogo pontua que essa rejeição criou situações em que algumas crianças se recusam a comer o caruru de Cosme e Damião por acreditar que o prato está consagrado ao diabo. “A intolerância religiosa foi responsável por conflitos sangrentos na Bósnia e na Irlanda. A gente quer isso para o Brasil?”, indaga.

Até pouco tempo, objetos de arte sacra relacionados aos cultos afro-brasileiros estiveram expostos em uma sala do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, juntamente com armas e pertences de criminosos e algumas aberrações da natureza. A propósito, o legista maranhense que empresta seu nome ao IML, e que viveu na passagem do século XIX para o século XX (1862-1906), foi um adepto de teorias surgidas na Europa que pregavam a inferioridade da raça negra com base em parâmetros científicos, apesar de ter sido ele mesmo mulato.

“Imagine a reação de um menino brasileiro ao ver um acervo desses”, pondera Serra, ressaltando que durante anos a sala que servia como museu nas instalações do Nina Rodrigues foi freqüentada por milhares de estudantes, que chegavam em excursões escolares e encontravam objetos utilizados nas cerimônias de candomblé junto a armas usadas por criminosos e fetos malformados. “Você está dizendo que a arte sacra negra é uma aberração daquele mesmo tipo. É o Estado usando dinheiro dos impostos para fazer propaganda racista”, assinala o antropólogo.

O ensino da tolerância religiosa é uma das bandeiras da educadora Vanda Machado, que desde 1999 desenvolve um projeto de valorização do negro e dos cultos afro-brasileiros em uma escola que funciona no Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, no Cabula. Na escola, crianças cujas famílias seguem diferentes crenças, aprendem *in loco* aspectos do culto que veio com os escravos da África.



XANDO P.

Padre Clóvis Cabral, filho da mãe-de-santo América Cabral: “É preciso parar de demonizar os cultos afro-brasileiros”

Até “rebanho” rejeita padre negro

A educadora Vanda Machado encontrou uma fórmula que tem mostrado eficiência na mudança da visão que as crianças têm da raça negra e do candomblé. A saída foi a elaboração de livros didáticos em que os personagens centrais estão ligados à religiosidade afro-brasileira. Em Ilê Ifé - O Sonho do Ião Afonjá, Vanda utilizou contos protagonizados por orixás para ensinar noções da língua iorubá. “O que espero é que essas crianças não precisem passar pelo que passei na infância”.

Nascida em São Felipe, no Recôncavo, Vanda refere-se ao fato de que, nas festas religiosas, quando era criança, os anjinhos eram sempre representados por brancos. Em 2000, quando prestou serviços à prefeitura para os festejos de Natal, fez

questão de colocar dezenas de crianças negras vestidas de anjo em montagem na Praça da Sé.

Mas nem a conversão às religiões cristãs garantiu aos negros um lugar no reino da tolerância. Casos de discriminação contra padres de pele escura são mais comuns do que se poderia supor em uma área como o Recôncavo baiano. A rejeição de fiéis aos sacerdotes negros criou, por exemplo, uma situação em que a família da noiva não aceitou o padre designado para celebrar o casamento, porque ele “não sairia bem na foto”.

O padre Clóvis Cabral sentiu na pele reações adversas do seu “rebanho”. Uma certa vez, por telefone, ele iniciou a

conversa sobre os detalhes para uma cerimônia de casamento. Quando encontrou, pessoalmente, as pessoas com quem havia conversado, o padre percebeu a surpresa dos seus interlocutores ao perceberem que ele era negro. “Disseram: ‘Ah! É o senhor, é?’”, conta o sacerdote, um dos poucos representantes da raça negra no pastoreio da Igreja Católica no Brasil.

A religião mais professada no País conta com sete negros entre os seus 500 bispos, apesar de o Brasil ter a segunda maior população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria. Dos 14 mil padres atuantes no território nacional, apenas 2.600 são declaradamente afro-descendentes.

QUAL A SUA COR?



“Não sei por que preconceito de cor se sangue é tudo igual. Eu sou escura, não é?”

NILVANETE BONFIM DO CARMO, 58 anos, aposentada